Martha Batalha — *A vida invisível* de Eurídice Gusmão

São Paulo: Companhia das Letras, 2016

Paula Queiroz Dutra*

Em *Um teto todo seu*, a escritora Virginia Woolf (1929/2014) disse que uma mulher precisa de 500 libras por ano e um quarto só para si, de preferência com tranca na porta, para conseguir escrever. Poucos anos depois, ao escrever *Three Guineas*, Virginia Woolf (1938) destaca que, muito mais que um teto todo seu, é preciso que as mulheres tenham as mesmas oportunidades de trabalho que os homens, caso contrário, mesmo conseguindo o acesso ao ensino superior, amplamente defendido por Woolf, as mulheres não conseguiriam se inserir no mercado de trabalho.

Fazendo um paralelo com o campo literário brasileiro, ainda nos dias de hoje o texto de Virginia Woolf se faz extremamente atual, não apenas pela dificuldade que as mulheres encontram em administrar a tripla jornada de trabalho para conseguir um tempo todo seu para escrever, como também pelas dificuldades encontradas por aquelas que já conseguiram escrever um texto literário, mas, ainda assim, não conseguem o mesmo espaço no mercado editorial.

O romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, da escritora brasileira Martha Batalha (2016), ilustra dentro e fora do texto a invisibilidade das mulheres nas sociedades patriarcais. Recusado por várias editoras brasileiras, o romance só foi publicado no Brasil depois de o livro ter feito grande sucesso no exterior, tendo sido traduzido para dez idiomas. A dificuldade de publicação, uma constante para muitas escritoras que estão produzindo textos Brasil afora, revela o sexismo presente no mercado editorial brasileiro, assim como nos principais prêmios literários, que têm premiado quase sempre autores homens.

Uma pesquisa realizada na Universidade de Brasília e coordenada pela professora Regina Dalcastagnè analisou centenas de romances publicados pelas principais editoras brasileiras durante um período de quase 15 anos, entre 1990 e 2004, e constatou que o espaço destinado às mulheres, seja como autoras, seja como personagens, ainda é muito pequeno, quando não estereotipado. Dos 165 autores catalogados pela pesquisa, 120 eram homens, ou seja, 72,7%. Além disso, do total

^{*}Doutoranda em literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: qpaulad@gmail.com

de autores, 93,9% eram brancos. O mesmo foi observado nos principais prêmios literários brasileiros e, mais recentemente, ficou mais do que evidente em uma das principais feiras literárias do país, a Flip. Segundo Regina Dalcastagnè (2012), em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, entre os anos 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura).

Apesar desse cenário, um território em disputa, o romance de Martha Batalha conquistou leitores e outros sistemas — considerando aqui a teoria dos polissistemas proposta por Itamar Even-Zohar, para quem os sistemas de comunicação humana regidos por signos, como a cultura, a literatura, a linguagem e a sociedade, podem ser mais bem compreendidos e estudados se considerados como polissistemas (Even-Zohar, 1990, p. 9). Um polissistema seria um sistema múltiplo, constituído de vários sistemas não homogêneos, com interseções e sobreposições mútuas, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes. A ideia da literatura como polissistema permite-nos compreender os diferentes papéis que uma obra literária pode ter em diferentes sistemas, que podem se influenciar, como no caso do romance de Batalha, cujas traduções foram determinantes para que houvesse uma mudança em sua aceitação dentro do sistema literário brasileiro.

Internamente, o romance de Martha Batalha também trata da invisibilidade das mulheres em vários setores da sociedade, ao retratar a história de duas irmãs, Eurídice e Guida, e seus diferentes destinos. Já no prólogo, sabemos que as personagens foram baseadas nas vidas das avós da autora, o que estabelece uma ligação maior entre literatura e vida, e possibilita aos leitores grande identificação com as personagens.

Ambientado no Rio de Janeiro do começo do século XX e narrado em terceira pessoa, o romance se inicia com o desaparecimento de Guida, que foge de casa com o namorado, e o casamento de Eurídice, que aceita passivamente o destino que lhe é imposto pela família. Escolhida por Antenor, que a julgava como a candidata perfeita para se tornar sua esposa — por ser aparentemente submissa, calada e educada para agradar o futuro marido —, Eurídice se casa não por amor, mas simplesmente por ser o único destino possível para a maioria das mulheres da época. Após o desaparecimento de Guida, para não causar mais desgosto à sua família, Eurídice abandonou todos os seus sonhos de conquistar o mundo com a música que gostava de tocar e o desejo de ter sucesso em uma profissão. Afinal, os pais de Eurídice acreditavam, como grande parte das famílias da época, que o objetivo de uma filha era ser recatada para se casar e ter filhos.

Nessa primeira parte do romance, em que somos apresentados à Eurídice ainda na infância e frequentando a escola, cheia de sonhos e ambições, evidencia-se o papel importante que as instituições, principalmente a escola, têm na construção dos papéis de gênero e no disciplinamento dos corpos. É desde a escola que Eurídice co-

meça a duvidar de sua própria capacidade, encontrando no casamento o ponto máximo de afirmação dessa insegurança e de reiteração da desigualdade de gênero.

É comum pensar a violência contra a mulher apenas como a agressão física e sexual, expressões extremas da violação dos direitos humanos, esquecendo-se muitas vezes do sofrimento também causado pela violência psicológica e simbólica, tão enraizadas na estrutura social que, quase sempre, é difícil de ser reconhecida até mesmo pelas próprias vítimas. Talvez este seja o principal aspecto do romance de Martha Batalha: mostrar, por meio de uma história de enredo simples e narrada com leveza, as inúmeras violências simbólicas que as mulheres sofrem cotidianamente desde a infância. No entanto, Batalha deixa claro para os leitores que, na história que se conta, há um recorte de gênero, raça e classe: trata-se da vida de uma mulher de classe média, branca e heterossexual, uma perspectiva privilegiada dentro e fora da narrativa. Ao deixar claro no texto sobre as histórias que não serão contadas, Batalha também alcança o artifício de dizer muito através do silêncio, evidenciando que as histórias de outras muitas mulheres incríveis também não são contadas, como vemos a seguir, quando o narrador comenta sobre a empregada de Eurídice: "Mas esta não é a história de Maria das Dores. Maria das Dores inclusive só aparece por aqui de vez em quando, na hora de lavar uma louça ou fazer uma cama. Esta é a história de Eurídice Gusmão, a mulher que poderia ter sido" (BATALHA, 2016, p. 36).

Além disso, a autora também aborda uma temática ainda pouco explorada: a violência sexual conjugal, ao retratar a violência sofrida por Eurídice em plena noite de núpcias, que se consolida de forma a demonstrar como o corpo feminino é visto como um mero objeto de prazer e de posse masculinos. Como observa Yvonne Knibiehler em *História da virgindade*, a virgindade continua a ter um importante papel simbólico na maioria das culturas, pois "é uma dimensão da relação entre os sexos, um componente do tecido social" (Knibiehler, 2016, p. 10), que ainda hoje prevalece como marca de valoração das mulheres. É isso o que desencadeia grande parte do sofrimento que Eurídice enfrentará em seu casamento, por não ter sangrado na noite de núpcias, apesar de ser virgem, como vemos no trecho a seguir:

Sozinha na cama, corpo escondido sob o cobertor, Eurídice chorava baixinho pelos vagabunda que ouviu, pelos vagabunda que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração.

Nas semanas seguintes a coisa acalmou, e Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito. Além do mais, o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo Eurídice aceitava. Ela sempre achou que não valia muito. Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo profissão ele deve escrever as palavras "Do lar" (BATALHA, 2016, p. 10).

No entanto, apesar de revelar as diversas camadas de opressão presentes em uma sociedade patriarcal, Batalha desconstrói a categoria de vítima frequentemente associada à mulher, ao mostrar, em diferentes momentos do romance, a capacidade de resistência dessas mulheres, que se reinventam constantemente na tentativa de romper as barreiras da opressão.

No caso da personagem Eurídice, isso ocorre primeiro através da culinária, já que, buscando encontrar desafios em sua rotina de dona de casa, Eurídice passa a se aperfeiçoar cada vez mais no preparo das refeições, até o momento em que começa a elaborar suas próprias receitas e decide, por fim, escrever seu próprio livro de receitas, o qual seria certamente um grande sucesso de publicação. Os sonhos de Eurídice são podados na noite em que ela mostra ao marido o livro de receitas, cheia de esperanças ante a ideia de publicá-lo, e Antenor ri da esposa, afirmando que aquilo era uma tolice. Desencorajada, Eurídice se entristece e duvida mais uma vez de sua capacidade.

Se o marido parece vencê-la por um tempo, logo surge uma resistência: Eurídice decide aprender a costurar e, depois de muita insistência, consegue convencer o marido a lhe comprar uma máquina de costura. Primeiro costurando para os filhos e o marido, depois costurando roupas cada vez mais elaboradas para si, Eurídice então começa a costurar para a vizinhança inteira. Sua fama como costureira conquista o Rio de Janeiro, e Eurídice passa a ganhar bastante dinheiro com o seu trabalho. Todos os dias sua casa se transformava em um ateliê, com várias mulheres encomendando vestidos sofisticados, até o ponto em que Eurídice precisa contratar ajudantes para dar conta de todo o trabalho. Essa atividade, no entanto, é interrompida bruscamente quando Antenor adoece e passa um dia em casa se recuperando do mal-estar e finalmente toma conhecimento do que se passava em sua casa durante seu horário de expediente no trabalho. Antenor proíbe Eurídice de continuar costurando e ganhando dinheiro, afinal, ele é o provedor da família. O trabalho de Eurídice, que no momento da descoberta já contava com ajudantes para terceirizar o serviço e gerava renda também para outras mulheres, é visto como uma ameaça por Antenor. Assim, Eurídice, mais uma vez, vê-se tolhida de sua capacidade de agência por normas sociais que estruturam a desigualdade de gênero. Apesar da tristeza, Eurídice reage ao encontrar nos livros e nas histórias a possibilidade de estar em outros lugares e alçar voos que ninguém seria capaz de impedir.

Por fim, é através da escrita que Eurídice mais uma vez resiste, ainda que muitos escritos tenham provavelmente ficado dentro de uma gaveta, simbolizando como a escrita das mulheres tem sido silenciada e ocultada ao longo da história. Desse modo, Martha Batalha apresenta uma reflexão sobre a literatura produzida por mulheres, silenciada pela desigualdade de (ou mesmo ausência de) oportunidades de publicação, mas que tem sido uma forma de resistência, de sobrevivência no caso de Eurídice, e que todos teriam muito a ganhar ao ter a chance de conhecê-las.

Referências

BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez 2005.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2012.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem theory. *Poetics Today*, Durham, v. 11, n. 1, p. 9-26, Spring 1990.

Gabriel, Ruan de Sousa. Editoras estrangeiras ajudam autora brasileira na batalha contra a invisibilidade. *Época*, Rio de Janeiro, 20 abr. 2016. On-line. Disponível em: https://goo.gl/gPEH1H. Acesso em: 1º mar. 2017.

Knibiehler, Yvonne. *História da virgindade*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016.

MEIRELES, Maurício. Editoras estrangeiras acolhem escritora brasileira rejeitada no país. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, caderno Ilustrada, 23 fev. 2016. Disponível em: https://goo.gl/R3eYdK. Acesso em: 1º mar. 2017.

WOOLF, Virginia. Three Guineas. London: Wordsworth Library Collection, 1938.

Woolf, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, [1929]2014.

Recebido em 20 de abril de 2017.

Aprovado em 25 de setembro de 2017.